

**Não
se Começa
um Incêndio
sem uma
FAÍSCA**





1

O Amor Não É à Prova de Balas

Não faz sequer dez minutos que assumi o comando do som e já tenho certeza de que estou pagando um mico do caralho — ao que parece, ninguém quer *realmente* desenterrar os anos 90. “Não sou e nunca fui DJ, porra!”, eu havia dito para o Fernando, quando ele veio com o papo há duas noites, enquanto tomávamos uma cerveja na Lancheria do Parque, de querer que eu discotecasse na sua festa de aniversário. Mas eu já sabia que estava condenado a aceitar o convite: acho que nunca consegui vencer uma discussão com o Fernando, ou demovê-lo de levar adiante alguma das suas ideias mirabolantes.

— Ah, Vic, qual é, cara? Só uma horinha que seja, vai? É meu aniversário de 45, cacete! Talvez tu seja o cara com o melhor gosto musical que eu conheço, sério mesmo. Lembra aquelas festas épicas no teu apartamento na época da faculdade? Tu assumia a trilha sonora e não deixava ninguém se meter. E com toda a razão! Era uma música perfeita depois da outra, a galera ia à loucura — Fernando discursou, enquanto sinalizava ao garçom da Lancheria, pedindo mais uma garrafa de Original.



— Eu só ficava ao lado do meu aparelho de som, meio bêbado, programando músicas específicas dos CD's, uma atrás da outra. Desde quando isso é ser DJ? — tentei argumentar.

— Querido, hoje em dia dá pra ser DJ tocando até com o Spotify, vai por mim. Existe uma coisinha chamada “adicionar à fila de reprodução”, nunca ouviste falar? Até te empresto o meu notebook, se tu quiser. É só ficar na frente do computador fazendo cara de bonitão, com uma das mãos segurando um copo de bebida e a outra dando uns soquinhos no ar de vez em quando. Parece patético? É porque é! A única coisa realmente importante é ter bom gosto, e isso, obviamente, tu tem. Toca umas músicas bem anos 90, vai arrasar! Há muito tempo que tentam fazer os anos 90 ressuscitarem num embalo saudosista, mas os pobrezinhos nunca decolaram do mesmo jeito que os 80. Mas eu sou teimoso, eu acredito! — ele respondeu, dando um xeque-mate na discussão, *comme d'habitude*.

— Ah, e pra te convencer de vez — Fernando acrescentou, antes que eu pudesse dizer algo — vou deixar um baldinho com uma garrafa de Bombay Sapphire especialmente separado pro meu DJ convidado, que tal? Ééé, tô sabendo que o senhor agora prefere tomar gim, porque é pouco calórico e blá-blá-blá. Li a tua explicação científica lá no WhatsApp. Tudo pra manter esse corpicho sarado em dia, né? Jesus! Quem te viu, quem te vê, Vic. E pensar que tu detestava gim quando era novo. Só tomava misturado com Sprite e, mesmo assim, fazendo careta!

— O passado condena a todos nós, meu caro. Aliás, cada vez mais me convenço de que o passado só serve pra nos assombrar. Mas quer saber? Ao menos estamos envelhecendo

com dignidade, com um paladar mais refinado e corpos saudáveis. Bom, tu sempre foste um palito, né, Fernando, e olha que nunca te vi na academia!

— Corpos saudáveis, mentes nem tanto, baby — ele filosofou, cutucando a testa com o indicador. — Sei que falo por nós dois. Ah, e quer saber qual o segredo da magreza duradoura? Dar bastante o cu, pelo menos umas três vezes por semana. É batata, tu deveria experimentar, Vic! Muito melhor do que ficar dando dinheiro pra aquela Smart Fit apoiadora de fascista do caralho! — ele disse, em um volume alto demais até para o “padrão Fernando”, fazendo com que nem tão discretos olhares de reprovação surgissem nas mesas vizinhas.

— Pronto, sabia que ia descambar pra baixaria! Tá, voltando ao nosso assunto: aceito o nobre encargo que me está sendo imposto! Pode contar comigo na sexta-feira — falei, erguendo-me da cadeira e propondo um brinde.

Eis então a explicação para, duas noites depois, no sábado, 22 de outubro de 2022, eu me encontrar aqui, neste nightclub muito bacana chamado Cortex, na região do Quarto Distrito, fazendo completo papel de palhaço. A essa hora, 2 da manhã, o lugar já está abarrotado. O tipo de cena que eu nem mesmo lembrava como era, tampouco imaginava ver tão cedo. Desde que a pandemia começou a arrefecer, já frequentei bares, restaurantes, cinemas, mas ainda não havia ido a uma festa de verdade — uma “night forte”, como se dizia quando eu era mais jovem. Devo ser justo: a culpa do meu afastamento da vida noturna não foi só do infame coronavírus. Acredito que a última vez que fui a uma boate deve ter sido meses antes do

nascimento do meu filho, Romeu. Era uma festa que ocorria todo mês no bar Ocidente, produzida pelo Fernando, e que eu adorava: a *It's the End of the World As We Know It (And I Feel Fine)*. Isso deve ter sido em meados de 2018, quase que literalmente em *outra* vida.

Eu havia chegado ao Cortex por volta das 10h30min da noite e logo encontrado meu tresloucado amigo virginiano, que estava usando óculos escuros, um terno azul claro, uma camisa branca desabotoada até o umbigo e sapatos vermelhos — femininos.

— São meus sapatinhos de rubi, iguais aos da Dorothy em *O Mágico de Oz*. Descobri que 45 anos são bodas de rubi, então resolvi fazer uma homenagem aos meus 45 anos de casamento com a minha “loucura roubada que não desejo a ninguém a não ser a mim mesmo, amém” — Fernando explicou, entregando um copo de gim com gelo na minha mão, antes de passar a me apresentar aos seus amigos.

Os “amigos”, claro, eram todos, no mínimo, dez anos mais novos que ele. Provavelmente não verei a maioria deles no seu aniversário do ano que vem. Fernando sempre diz que adota com seus amigos a mesma atitude que o Leonardo DiCaprio tem com suas namoradas: ele envelhece, mas as namoradas são sempre jovens. “Tu é o único amigo coroa que eu tolero, Vic; preciso de alguém da minha faixa etária pra servir de parâmetro de comparação. Promete que vai embagulhar antes de mim, tá bom?”, ele me disse certa vez.

Conheço o Fernando há mais de 20 anos, desde os tempos da faculdade de Arquitetura da UFRGS, que frequentamos juntos.

Na época, ele ainda não havia saído totalmente do armário; dizia a todo mundo que era bissexual. E levava ao pé da letra o que falava; chegou até a namorar, por cerca de um ano, Laura Veiga, uma menina muito inteligente, mas totalmente maluca, também estudante de Arquitetura e que, ironicamente, acabou se assumindo lésbica anos depois. Até algum tempo atrás, eu ainda mantinha contato esporádico com ela via redes sociais, mas acabei tendo de silenciar seu perfil depois que ela passou a postar única e exclusivamente sobre política — uma doença ainda mais comum do que o coronavírus nos últimos tempos.

Fernando e eu nos tornamos próximos, inicialmente, pela clássica “união dos excluídos”: ele era o único não heterossexual assumido da turma, e eu, o único negro. O destino nos fez sentar um ao lado do outro no primeiro dia de aula e, em pouco tempo, formamos uma sólida amizade que perdura até hoje. Gostávamos das mesmas bandas, dos mesmos filmes, partilhávamos do mesmo espírito selvagem que nos levava a emendar uma farra na outra, possuíamos a mesma *joie de vivre*. Ambos nos sentíamos à margem do “sistema” — e, de certa forma, adorávamos isso, fazíamos com que fosse algo que funcionasse a nosso favor. Outro ponto que tínhamos em comum era o fato de nós dois ambicionarmos uma reinvenção pessoal a partir do ingresso na faculdade: eu queria soltar minhas feras, abandonar a timidez que me prejudicou durante toda a adolescência, e o Fernando desejava explorar plenamente sua sexualidade, já que finalmente estava longe da vigilância careta exercida pelos seus pais, que haviam ficado em Rio Grande, sua terra natal.

Já na época de estudante, Fernando começou a produzir suas primeiras festas e eventos, que invariavelmente eram um sucesso — ele sempre soube farejar as novidades antes mesmo que elas virassem tendência. Depois de formados, eu segui carreira na Arquitetura; ele, em pouco tempo, deixou sua área de formação em segundo plano para trabalhar como produtor cultural e, com o passar dos anos, veio a se tornar um dos profissionais mais respeitados e bem-sucedidos da cena de Porto Alegre. Sofreu muito financeiramente durante a pandemia, como todos do seu ramo, mas conseguiu se agarrar às cordas e evitar o nocaute. Este bar, o Cortex, por sinal, tem o Fernando como um dos sócios; não por acaso, desde a liberação do uso de máscaras, o lugar vem lotando, fim de semana após fim de semana. Isso explica, ao menos em parte, a euforia, mais exagerada que o normal, do aniversariante desta noite.

Voltemos à recapitulação dos eventos. Após alguns minutos de conversa fiada com seus amigos descartáveis, Fernando tinha me chamado para uma sala reservada no *backstage* do bar, acendeu um baseado, deu um pega e, enquanto me passava o cigarro, perguntou:

— Vem cá... e a Ingrid, hein? Não veio hoje por quê?

— Foi visitar a mãe dela, que tá morando num sítio em São Francisco de Paula desde a pandemia, lembra? O Romeu foi junto pra aproveitar o passeio. Mas ela te mandou um beijão — eu disse, devolvendo-lhe o baseado, após uma longa trágada, e tossindo de leve.

— Hummm, entendi. Então o senhor está livre e desembaraçado hoje? Olha, nem lembro da última ocasião que isso aconteceu.

CONTATO DO AUTOR
zekasixx@gmail.com
facebook.com/zekasixx
@zekasixx (Instagram)

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Dante MT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em abril de 2023.
